

O desafio de ser professor: a sociedade muda, a prática de ensino muda e os valores não. Qual a saída?

Aldjane Prata¹

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre o desafio de ser professor na era contemporânea, buscando algumas soluções para os problemas que esse desafio apresenta no cotidiano escolar. Perpassa rapidamente pelas questões das mudanças sociais, pelos valores e contra valores sociais. A prática de ensino situada na história da educação brasileira e, finalmente, chegamos a possibilidades de solução, concluindo que as atitudes são fundamentais para o sucesso escolar.

Palavras-chave: Ensino; gestor; mudança; prática; professor.

Abstract

This article presents the an analyse about the challenge of being a teacher nowadays, looking for solutions to solve the problems presented by the challenge at school daily routine. Permeates quickly at social changing questions, by social values and against social values. The education practice in Brazil and finally, we achieve the possible solutions, concluding that attitudes are the best to get school success.

Keywords: Education; manager; changing; practice; teacher.

Introdução

Ao deparar com o tema do VII Seminário de Passa Vinte – O Desafio de ser Educador, acolhi o desafio de dispor sobre o tema.

O cenário educacional nacional permeia minha mente, ações importantes minam do Ministério da Educação, tentando dar sentido e rumo à educação brasileira. No mesmo instante, esbarra-se no cotidiano escolar, que carrega em seu âmago sérios problemas relacionados à sua própria função; bem como a sala de aula que difusa pelo imperativo da era contemporânea se perde na ação precípua que é levar o aprendiz ao aprendizado.

À luz dos problemas enfrentados pela escola, recortamos a gestão escolar que imprime em sua ação o conceito se não equivocado, mal compreendido do

¹ Pedagoga; Especialista em Educação; Professora do Ensino Superior da Faculdade de Valença/RJ (FAA); Professora do Ensino Médio na Secretaria de Estado de Educação RJ; Supervisora Escolar no município de Barra Mansa; Assessora e consultora de assuntos educacionais e, atualmente, Secretária de Educação de Quatis/RJ.

princípio primeiro da liberdade, do que é decisão colegiada e/ou da maioria – a democracia. Não buscando o fortalecimento do grupo, da instituição, bem como a não ação democrática, necessária na realização de uma educação de qualidade. Esse não fazer, reflete num círculo vicioso que a escola não consegue se livrar.

Podemos perceber esta realidade na exposição clara e precisa do renomado professor Arnaldo Niskier (2011, p.?) “Uma gestão eficaz tem tudo a ver com a qualidade da educação, apesar de todos os óbices mais ou menos conhecidos.” Com a nossa experiência no comando da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro em duas oportunidades, deu para inferir que muito do que se passava de bom, na escola, dependia estritamente da capacidade de gestão e de adesão à tarefa dos diretores eventuais.

Os salários sempre foram baixos, as verbas para as reformas eram mínimas, mas deu para perceber que, quando uma gestora era eficiente e dedicada, os problemas diminuía a intensidade, como num passe de mágica. O mesmo pode ser dito em relação à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde exercemos atividades docentes e administrativas durante 27 anos. Isto nos leva a uma primeira conclusão: “a performance de um estabelecimento de ensino, seja em que grau for, depende muito da figura do administrador [...]” (NISKIER, 2011, p. 19).

Somando a desvalorização histórica do magistério, desaguando em baixos salários, percebemos que a escola vive um dos eixos mais problemáticos no cenário educacional da modernidade: o desafio de ser professor.

Na certa, esse tema tem em seu cerne, uma tese creio. Mas humildemente vamos decorrer num breve artigo sobre o assunto. Para tanto, analisaremos um pouco das nuances expostas pelo tema em questão. A sociedade e sua mudança. Os valores que perpetuam a vida social e por fim a proposta de reflexão para se encontrar a saída. Daremos um recorte especial na referência maior da educação brasileira – a sala de aula.

Nosso principal foco demanda levar ao caro leitor, sem pretensões conclusivas, uma reflexão, para encontrarmos um caminho que levem os aprendizes que povoam as salas de aulas brasileiras à educação de qualidade e de sucesso.

A sociedade e suas mudanças

Partindo do princípio que o leitor apresenta um conhecimento prévio da sociedade como conceito, faremos um recorte na mudança social e na instituição família que são fatores ligados intimamente à sala de aula. Reportamo-nos a abolição da escravidão, que trouxe uma mudança social relacionada à modificação básica na instituição econômica, quando o trabalho passou a ser realizado por trabalhadores livres, que recebiam salários provocando assim transformações em toda estrutura social brasileira, este é um exemplo muito íntimo de mudança social. Sabemos que pela mudança social, alteram-se as relações sociais e a família, que passou por modificações profundas que levaram a uma menor distância social

entre pais e filhos. As relações que, na família patriarcal, se punha uma estreita obediência dos filhos, foram hoje substituídas em boa parte por uma maior amizade entre pais e filhos.

O ritmo de mudança da sociedade vai variar de sociedade para sociedade. Sendo lento na sociedade mais simples, isolados e acelerados nas sociedades contemporâneas complexas como as das metrópoles. O ritmo depende também dos contatos sociais com outros povos, do desenvolvimento dos meios de comunicação e também das atitudes individuais e sociais que aceleram ou dificultam a mudança. É fato que a sociedade está sempre em mudança, lenta ou acelerada e que não é em todos os setores dela, pois uma sociedade substitui facilmente um utensílio ou uma máquina, do que uma crença um aspecto cultural, um modo de vida.

Permeiam na instituição escolar atitudes individuais e sociais da mudança, podemos destacar as quatro mais importantes.

a) atitude conservadora – a que se mostra contrária ou temerosa em relação à mudança.

b) atitude reacionária – a que se opõe a qualquer tipo de mudança das instituições sociais.

c) atitude reformista ou progressista – é a que vê com agrado a mudança moderada.

d) a atitude revolucionária – a que defende transformações profundas.

Com base nessa pontuação chamamos o leitor para a reflexão. Numa pergunta íntima: Onde a escola se situa? Quais atitudes estamos tendo na escola? O que estamos fazendo na relação escolar com as nossas atitudes?

Bom, seguimos entendendo que as conseqüências da mudança social, quer desejemos ou não, influenciam direta ou indiretamente na nossa relação com alunos que frequentam as salas de aula. Destacamos a invenção da televisão, que influenciou sobremaneira o lazer, a política, a educação, os hábitos familiares, a propaganda etc. Sem contar que o capitalismo selvagem e a revolução tecnológica que trouxeram consigo a mudança do significado profissional e como conseqüência a mudança na relação homem X emprego, onde simplesmente podemos destacar a engenharia, a arquitetura como fontes reais desta mudança. Os softwares eliminam a dita mão de obra em várias relações empregatícias.

Assim posto, deixo estes questionamentos: Como construir o desejo do conhecimento nesse contexto? Qual o sentido e o valor real do conhecimento se a máquina apodera-se do lugar do homem?

O cenário atual das mudanças sociais implica um recorte fundamental na instituição milenar e corresponsável pela educação das crianças da sociedade contemporânea – A família.

A família é reconhecida como instituição social, pois se verifica dentro do contexto social a existência de regras, ou melhor, conjunto de regras e procedimentos padronizados socialmente, reconhecidos aceitos e sancionados pela sociedade e que tem grande valor social. A forte influência da família na formação do indivíduo, sendo via de regra o primeiro grupo social a que pertencemos,

determina a princípio o comportamento e a visão de mundo que nossas crianças demonstram no cotidiano escolar. Mesmo com normas sociais institucionalizadas sabemos que cada família tem ainda suas próprias regras de comportamento e controle e que os membros se reconhecem biológica e culturalmente, pois cada família possui uma cultura particular.

Cada sala de aula recebe anualmente no mínimo um indivíduo de cada agrupamento, desses que somados significam uma classe de aproximadamente (levando em conta a regra nacional) de 35 a 45 indivíduos. Devemos analisar enquanto docente que há que se ter um modo de agir dentro do aspecto coletivo que vá respeitar e ser único e ao mesmo tempo social, que no momento que está em sala de aula precisa se desenvolver como indivíduo como ser inserido na coletividade.

No compasso desta dicotomia, a escola não deve abrir mão de suas regras e normas para manter o desenvolvimento educacional do indivíduo, sem perder nunca de vista o aspecto social e de respeito à coletividade que esta instituição pressupõe primar. Não obstante, temos que, com muita clareza e discernimento, saber que a sociedade pós-industrial criou um novo padrão de família. Hoje os filhos são criados por pais e mães, trocando papéis entre si constantemente e em alguns casos de mudança do núcleo familiar, resultado de vários casamentos e ou divórcio.

Vimos, com relação aos aspectos de mudança sociais, que somos refratários, não gostamos muito de abrir mão das crenças e dos modos de vida, temos que perceber que enfrentamos pelo menos um sério problema no universo escolar. Milhares de crianças que vivem esta mudança no seio familiar se depararam com a visão da escola que apresenta o padrão familiar tradicional como modelo da família ideal (grande parte dos livros didáticos apresentam este protótipo), criando assim um conflito interno e externo, através da negação do que aquele indivíduo vivencia dioturnamente. Como aprender nesse contexto?

Analisando o princípio pedagógico sob a visão da prática de ensino que costura a relação aprendiz/aprendizagem e a ação docente, vamos repensar na prática de ensino.

Os grandes estudos da prática de ensino, que hoje habitam as salas de aulas brasileiras, culminando em teorias que apontam para uma aprendizagem significativa, que não podem ser negada, pois os avanços da medicina com relação ao desenvolvimento cerebral colaboraram para uma pedagogia e uma didática que atendem à demanda da modernidade. A escola precisa se deter no aspecto principal da aprendizagem que tenha significado para o aprendiz, principalmente quando o mundo virtual descortina um leque de possibilidades de aprendizagem e experiências extramuro escolares, colocando nossas crianças e jovens num mundo que é desconhecido por muitos de nós docentes.

Buscando um pouco da história da educação brasileira, verificamos que, ao seu tempo, o Brasil experienciou várias fases da educação. Começamos lembrando que a tarefa primordial dos Jesuítas era lançar entre os gentios (índios) a semente

da fé cristã. Em artigo publicado sob o título *As primeiras escolas do Brasil*, o padre Serafim (apud , NISKIER, 2011, p. 45) escreveu:

“As aulas de ensinar a ler e contar criadas pelos Jesuítas começam a desenhar o cenário pedagógico e didático brasileiro, iniciando assim as várias tendências pedagógicas, que se instalariam no Brasil desde então com a expulsão dos Jesuítas nos anos de 1700, começa a modificação da educação brasileira que permanece até a presente data.”

Moreira de Azevedo (apud NISKIER, 2011, p. 61), em seu artigo *Instrução pública nos tempos coloniais do Brasil*, assim se manifestou sobre a expulsão dos Jesuítas:

“Privados desses preceptores experimentou a instrução sensível atraso, e se para substituí-los vieram escolas monásticas dos Beneditinos, Carmelitas e Franciscanos, não chegaram estas ao grau de método, ensino e regularidade das dos padres de Jesus, porém, ainda assim, quando aquelas desapareceram, eram as melhores que possuía a colônia do Brasil.”

Os fragmentos de textos expostos anunciam para a educação brasileira o longo caminho que trilhava até o século XXI. Numa rápida passagem pelo túnel do tempo, percebemos que a prática de ensino e o cotidiano escolar sempre foram temas principais nas propostas educacionais apresentadas à educação brasileira desde as correntes pedagógicas liberal e progressista com suas tendências educacionais até a visão sociointeracionista, defendendo uma aprendizagem significativa.

Na verdade muito se propôs e pouco se atingiu e os percalços da política nacional influenciaram sobremaneira os caminhos educacionais, o regime militar, a nova República, a era Collor e por ai vai, até chegar na era Fernando Henrique Cardoso com o neo liberalismo encarado no meio educacional como nova era de educação brasileira, pois apresenta como medida inovadora, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais da Educação Infantil, a LDBN e o PNE (Plano Nacional de Educação).

A Era Lula se instala, levando a avaliação extraescolar como ponto principal para avançar a melhoria dos índices internacionais e nacionais. Nos bastidores do cenário educacional, as pressões da nova ordem bem como o Banco Mundial estão presentes, interferindo e apresentando suas tendências e versões para o chamado 3º mundo.

Para termos uma sustentação deste universo diverso. Destaco alguns escritos da história da educação brasileira.

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe pode disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do

sistema cultural de um País depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produções, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade.

No entanto, se depois de 43 anos de regime republicano, num balanço ao estado atual da educação pública no Brasil, verificar-se-á que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de doar no mesmo sentido, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar à altura das necessidades modernas e das necessidades dos pais. Tudo fragmentário e desarticulado. A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e frequentemente arbitrárias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, deixa-nos antes a impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores ainda não em termos de serem despojados de seus andaimes.

“A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem o seu ideal condicional pela vida social atual, mas profundamente humano, de solidariedade de serviço social e cooperação. A escola tradicional, instalada para uma concepção burguesa, vinha mantendo o indivíduo na sua autonomia isolada e estéril, resultante da doutrina do individualismo libertário, que teve, aliás, o seu papel na formação das democracias e sem cujo assalto não se teriam quebrado os quadros rígidos da vida social. A escola socializada reconstruída sobre a base da atividade e da produção, em que se considera o trabalho como a melhor maneira de estudar a realidade em geral (aquisição ativa da cultura) e a melhor maneira de estudar o trabalho em si mesmo, como fundamento da sociedade humana, se organizou para remontar a corrente e restabelecer, entre os homens, o espírito da disciplina, solidariedade e cooperação, por uma profunda obra social que ultrapasse largamente o quadro estreito dos interesses de classes. Mas, por menos que pareça, nessa concepção educacional, cujo embrião já se disse ter-se gerado no seio das usinas e de que se impregnam a carne e o sangue de tudo o que seja objeto da ação educativa, não se rompeu nem está a pique de romper-se o equilíbrio entre os valores mutáveis e os valores permanentes da vida humana. Onde, ao contrário, se assegurará melhor esse equilíbrio é no novo sistema de educação que, longe de se propor a fins particulares de determinados grupos sociais, as tendências ou preocupações de classes, os subordina aos fins fundamentais e gerais que assinala a natureza nas suas funções biológicas.” (MANIFESTO..., 1932, p. 112)

O documento antigo apresenta uma realidade não muito distante para nós professores.

Finalizando este momento de reflexão sobre a prática de ensino. Podemos citar que o Estado do Rio de Janeiro apresenta ao final da década de 1980 um programa especial de educação, que se traduzia em uma obra filosófica e arquitetônica alimentadas pelos respectivos mestres Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, propondo uma educação integral e de qualidade. A imaturidade política brasileira faz um programa de extrema importância ruir, por uma característica principal: a descontinuidade.

Na década de 1990, chega a “inovadora” Lei de diretrizes e Bases, trazendo, pós-Constituição de 1988, a universalização do ensino, o processo democrático e como principal eixo o projeto político pedagógico e a autonomia e suas variedades no sistema de ensino. E a escola se encontra responsável por visão pedagógica e legal que em sua maioria não estão preparada para gerir.

Contudo, a dinâmica do ensinar e aprender não cessa, e o cotidiano escolar que carrega os diversos caminhos da história segue em frente, dia a dia num esforço sobre-humano para dar bons resultados. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse “educação não é gasto, é investimento que traz retorno para o País, como nenhuma fábrica trará”. (NISKIER, 2011, p. ?). Concordamos com o ex-presidente e, por isso, aceitamos o desafio de ser educador, buscamos encontrar o caminho para que este investimento possa nos levar ao desenvolvimento real, e do exercício verdadeiramente consciente da cidadania.

Os valores que permeiam as relações na escola

“Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes é a conduta correta, válidos para todos os seus membros [...]”

CHAUÍ

Os valores eleitos por uma sociedade geralmente não mudam, pois eles que preservam a essência da espécie humana dentro do grupo. Nosso senso moral, expressos por alguns sentimentos, modo de agir e nossas ações, é transmitido de geração em geração. Num curto espaço de tempo a nossa sociedade mudou e, consideravelmente. Um dos fatores que levaram a essas mudanças é a globalização, perpassando pelo avanço da tecnologia, a rede mundial de computadores, as redes sociais e a televisão trouxeram para o meio social imagens informações e diversões numa incrível velocidade. Ao mesmo tempo, esse *modus vivend* afasta sobremaneira as pessoas do convívio entre os grupos sociais e na mesma proporção diminui a distância entre as pessoas contraponto moderno exposto e ainda exarcebada pela cultura do ter e não ser.

A busca pela aceitação social através de bens de consumo e a relação de amor que as pessoas têm com o poder é que este dois propósitos se unem, banalizando o corpo, as relações, os valores e a ética, produz apreço pela corrupção e o modo fácil da conquista, seja ela de qual origem for. Tudo e todos têm seu preço na vida contemporânea. Busca-se uma sustentabilidade para o planeta, sem considerar o que sustenta a humanidade atualmente. Paulatinamente, os valores vêm sendo invertido pela sociedade, pelo excesso de ter a ausência do senso moral, começa a surgir como semente fecundada, permeando as relações provocando todo tipo de violência. Assistimos a programas de televisão que excitam a traição, a competição exarcebada, o culto do corpo, as mazelas humanas expostas 24 horas diárias, como se fossem natural e normal ter uma conduta de contra-valores e intolerância ao diverso, ao diferente, ao fora da normalidade imposta pela sociedade consumista.

A escola não vai passar alheia a esse processo e essa realidade habita as salas de aula numa revolução silenciosa que se constrói dia a dia num sem fim de problemas que ela enfrenta. Essa nova ordem social se consolida diuturnamente no universo escolar; sem pedir licença e o que é pior sem ser contestada ou impedida.

Me reporto ao trecho do livro *O mundo de Sofia*, que nos remete a uma profunda reflexão e nos aponta uma luz no fim do túnel. Ao final, Sofia escreveu: “hoje em dia, pessoas diferentes, países e culturas estão em contato cada vez mais próximo umas com as outras.” (GAARDER, 1991, p. 142) Num mesmo prédio, por exemplo, podem morar cristãos, mulçumanos e budistas. Assim, é mais importante tolerar a crença do outro, do que ficar perguntando por que nem todo mundo acredita na mesma coisa.

A tolerância deve ser a primeira virtude a habitar a mente do educador atual.

No sentido de discutimos o desafio de ser professor e buscar uma educação de qualidade, na perspectiva de refletirmos sobre uma saída possível, ou uma proposta que leve a tal desejo, entramos no cenário escolar, e percebemos que a intervenção deverá ser precisa para podermos mudar a realidade, que queremos e que devemos mudar.

Qual a saída?

Sem a menor pretensão de solucionar, e sim de refletir e buscar soluções, começa agora uma reflexão única e exclusivamente de opinião pessoal, buscando compartilhar as aprendizagens experienciadas ao longo de 27 anos dedicados ao magistério em suas diversas nuances (alfabetizadora, coordenadora, diretora geral, diretora adjunta, professora do ensino médio de filosofia e sociologia, professora universitária e secretária de educação, consultora e assessora). Numa visão empírica, passemos a reflexão:

A base da saída para os problemas enfrentados hoje pela escola perpassa pelo abandono de discursos elaborados, que sustentam a escola numa visão ingênua da realidade; a culpa sempre está no outro; a teoria está distante da prática, a privação cultural impede a aprendizagem, que a família é culpada e tantas outras situações.

Ao recortar o discurso: “a teoria está distante da prática ou na prática a teoria é outra coisa”, concluímos que toda teoria nasce basicamente da observação da prática ao longo de um período. Ao contrário do que falamos, a teoria é passível de aplicação sim. Neste pressuposto, e não podemos deixar de citar o autor que desde o primeiro momento em que estive em contato com seus escritos, senti que seria o porto seguro para o que viveria o resto de minha vida profissional: Paulo Freire.

Esse grande educador e professor é a luz do trabalho aqui exposto. Freire nos ensina carinhosamente a importância da ação docente e com certeza o desprendimento ora vivido por minha pessoa com relação ao contexto educacional, a certeza do que se quer e, principalmente, a ousadia de experienciar as teorias expostas por ele.

Destaco algumas colocações deste renomado educador como base de sustentação das falas vindouras.

Educador brasileiro, progressista, conhecido internacionalmente, comprometido politicamente com a educação do oprimido e a alfabetização de adultos. Segundo sua visão crítica da educação, Freire (2001, p. 26) fala “da necessidade que temos educadores, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo.” Cada um de nós é um ser no mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora significa reconhecer-nos outros, não importa se alfabetizados ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do 1º grau ou se membros de uma assembleia popular, o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los.

“Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavreiro, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos.”

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro (Cadernos, 2004, p. 142).

Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é o exemplo ético do professor ao ensiná-los, é a sua coerência na sala de aula, coerência entre o que ele diz, o que escreve e o que faz. Ensinar exige humildade, tolerância, coerência, liberdade, autoridade e, acima de tudo, alegria e esperança. Exige segurança, competência profissional, generosidade e comprometimento. Assim, nenhuma autoridade docente se exerce ausente de competência e da generosidade de respeitar o outro nas suas limitações. Ensinar é compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. “Não se pode ser professor sem se perceber que, por não se poder ser neutro, a prática exige uma definição, uma tomada de posição, uma escolha...” (Cadernos, 2004, p. 12).

O convite que Freire nos faz a uma reflexão conduz-nos a uma ação real, natural, produtiva e, principalmente, capaz de intervir na realidade.

Instala-se na proposta de Paulo Freire a necessidade de mergulhar profundamente na questão, despendo-nos de todo e quaisquer se não, com relação ao aprendiz. E não distante emergir num horizonte de possibilidades de se construir e realizar uma educação progressista e libertadora que irá conduzir o mestre e o aprendiz ao conhecimento com propriedade e, nesta cadência, encontrar a qualidade e o sucesso.

Buscando demonstrar, ou melhor, apresentar algumas saídas para estas questões, convido o caro leitor à conduta analítica de sete possibilidades que podem levar a uma melhoria na qualidade, e no sucesso educacional, vivida no cotidiano escolar, no “chão da escola”, concomitante à difícil tarefa de educar e ensinar, produzindo um imenso desafio: o de ser professor.

Possibilidades em questão

Conhecimento

O livro sagrado dos cristãos – *A Bíblia* – nos diz: Provérbios (3.13): “Bem-aventurado o homem que adquirir conhecimento”. O conhecimento é sem dúvida, um fator fundamental para a concretização de nossas metas e nosso sucesso em qualquer área. O caminho para o triunfo se torna mais fácil quando temos as informações necessárias sobre aquilo que almejamos e quando unimos as nossas experiências com a de outras pessoas que têm um objetivo em comum.

Antes de galgarmos patamares superiores, precisamos estar intelectualmente preparados, preparar nossas habilidades e enriquecer nossos conhecimentos... “Precisamos estudar, fazer novos cursos, ler e meditar sobre o que desejamos, implementar os meios e os métodos para realizar nossos objetivos e estabelecer contato com orientadores experiente que nos ajudam a alcançar nossas metas”. (MALAFAIA, 2008, p. 99).

Conhecer, sempre conhecer, uma necessidade que nunca poderá ser abandonada por nós docentes, principalmente quando temos por força da função o conhecimento, sendo ele o objeto de nosso trabalho. Adquirir conhecimento, transmitir conhecimento, dividir conhecimento, mediar conhecimento, levar ao conhecimento, produzir conhecimento e por aí vai.

O conhecimento é mola mestra, que norteia as salas de aula do planeta. Precisa-se conhecer a história da humanidade, o legado da humanidade, os meios de sobrevivência atual, os princípios que norteiam a vida moderna. Se apropriar do conhecimento, necessidade da transformação do humano, conhecer significa ser livre, não ter barreira e nem amarras que vão me conduzir à prisão do medo, da omissão, da ignorância, da discriminação e do preconceito. Todo conhecimento pressupõe liberdade. Se apropriar dele significa entender o mundo que o cerca bem como tudo que acontece nele. A relação na sala de aula deve primar por

colocar o conhecimento em lugar importante e especial na vida tanto do professor como dos alunos, deve também ser colocado num lugar especial para os demais atores da escola, que mesmo que não tenham interferência direta para o aprendiz, pois significa para o mesmo ponto de referência de conhecimento seja em qual aspecto for. Conhecer para libertar, conhecer para mudar, conhecer para ter a capacidade de intervir e construir um mundo melhor.

Aplicação

Um dos fatores fundamentais para que o sucesso do ensino se processe é a aplicação dos conceitos aprendidos ao longo da vida profissional do professor. Não adianta participar de diversos eventos, seminários, capacitações, se não colocar em prática tudo o que se ouve, se não se aplica o conhecimento ouvido, não existe razão para ouvir. A utilização do que se aprende é uma questão de postura, de compromisso, envolvimento e entendimento. Aplicar o discurso aprendido requer uma ousadia, uma coragem de assumir erros que só quem quer intervir na realidade se propõe a fazer. E quem quer intervir, quer mudar, quer construir, quer trazer o melhor, o belo, o humano para todos. A sala de aula é o espaço de aplicação e não de experiência aleatoriamente. É o espaço de aplicar o que pessoas comprometidas e envolvidas, como, por exemplo, a fala do professor Paulo Freire, estudar, analisar, pesquisar, diminui a distância entre o discurso e a prática, é o real motivo da aplicação dos conhecimentos adquiridos pelo professor ao longo de sua dedicação a carreira profissional. Quando o docente se propõe a colocar em prática o aprendido, ele conquista um dos maiores desafios: o de ser professor.

Então podemos nos deter nessa reflexão: a vida representa muitas possibilidades de manifestações, é preciso acreditar na possibilidade das pessoas e investir nessas possibilidades. É necessário retirar o manto de invisibilidade, que muitas vezes é colocado por nós mesmos. Isso exige sensibilidade, estudo e prática reflexiva. (CADERNOS, 2004, p. 15).

Comprometimento

Construindo em nossas mentes, o universo escolar e podemos analisar o ato de ensinar e aprender, bem como a tarefa docente de planejar para instruir o aluno e apresentá-la ao conhecimento necessário ao seu desenvolvimento, levando a apropriação deste conhecimento, produzindo um ser capaz de interagir consigo mesmo e com a sociedade, nos remete ao comprometimento. Comprometimento este que se traduz em compromisso, ao trato a ser cumprido. Comprometimento no ato de ensinar envolve questões além das aparências estabelecidas por tudo que acontece na aula. A ação docente requer comprometimento com pelo menos três aspectos: com o ensinar, com o aluno e consigo mesmo.

Ensinar requer compromisso com o que se ensina e para quem ensina e por que se ensina e com quem ensina. Sem respeitar estes compromissos, o

ato de educar e de ensinar se perde na banalização diária desta magna tarefa. É imperativo comprometer-se, e comprometer-se com o aluno, e ainda buscar o comprometimento com o aluno é não medir esforços para que sua educação e sua aprendizagem se processem, é sem dúvida a expressão maior do compromisso com o outro, com o futuro do outro, com a parcela de mim que existe no outro!

Olhar para dentro de nós mesmos, para o profissional que somos, quem queremos ser, como desejamos é fundamental para nos situarmos enquanto profissionais, querer ainda que neste contexto o desempenho seja de excelência e a expressão maior do compromisso consigo mesmo, do respeito íntimo que todo ser tem por si mesmo. Trato a ser cumprido, o compromisso devemos enquanto educadores entender que a ação de ensinar e educar requer do educador uma profunda análise de sua própria existência.

Envolvimento

A sala de aula e o cotidiano escolar requerem uma dose de envolvimento. Sem penetrar fundo no universo da escola e/ou sala de aula podemos sempre correr riscos. Risco de não ensinar e de não aprender neste movimento dinâmico que se instala nas relações humanas. Envolver significa conter, cativar, seduzir, cobrir, etc. Conter, há que se conjugar este verbo em meio ao processo ensino-aprendizagem ao mediar o conhecimento na tarefa primordial docente. Sem o olhar do envolvimento, as relações em sala se tornam frias, capaz até de produzir uma rejeição forte com relação ao aprendiz, e do aprendiz com relação ao mestre, se espalhando pelos setores escolares. Envolver, não significa a princípio que devemos tomar os problemas para si, mas conhecer nossos alunos de tal maneira que eles estejam contidos em nós, produzindo um desenrolar de possibilidades que contribuem para um ambiente acolhedor e de natural aprendizagem. Ao perceber o envolvimento do professor, o aluno se encanta, se deixa seduzir por aquele que ainda apesar de, é uma referência importante e fundamental para sua vida escolar e íntima.

Na era contemporânea, quando tudo colabora para o esfriamento das relações, consta no desafio de ser professor neste universo conturbado a necessidade de envolvimento como princípio de sucesso nas relações humanas e muito mais ainda dentro dos muros da escola.

Entendimento

Buscando o real significado da palavra entendimento, conceituamos como ato de entender, percepção, inteligência, faculdade pelo qual o espírito se apodera das ideias e as compreende no foco deste conceito, reportando-nos à sala de aula, precisamos perceber que o entendimento do indivíduo tem que permear as relações na sala e na escola, olhar para o outro além do que ele demonstra, conhecê-lo e, principalmente, entendê-lo, estabelece um clima de confiança, favorecendo de maneira importante a aprendizagem. Perceber o aluno, como o indivíduo que se expressa na coletividade, implicar em deitar calmamente o olhar para tudo que

acontece na sala de aula e despir-se de qualquer tipo de avaliação, analisando as ocorrências de avaliação precípua, analisando as ocorrências, os fatos, as ações e tudo mais que acontece em sala de aula. E, neste ato, buscar caminhos para que os problemas sejam, se não solucionados, pelo menos minimizados para que o outro – o aluno – continue sua aprendizagem tão necessária para a formação humana.

Como exemplo do que é entendimento, transcrevo o relato do meu querido parceiro de trabalho e amigo de longa data, que gentilmente se revela num entendimento único de que sua ação, irá colaborar com minha proposição.

“Sou professor da rede estadual do Rio de Janeiro desde 1998, e atuo em um colégio de uma cidade do interior com as disciplinas de história e geografia no ensino fundamental e médio. Minha experiência com a educação, a despeito de todas as dificuldades que permeiam a experiência da docência em nosso país, foi sempre pautada no prazer que tenho no exercício da minha profissão. Gosto de dar aulas e a vivência em sala de aula me trás um retorno de satisfação, que vem do processo de poder contribuir com a formação dos alunos.

A experiência que vou narrar agora é recente, ocorreu no início do mês de julho deste ano [2012]. Resolvi descrevê-la a pedido da professora Aldjane Prata, pois ao compartilhar com ela o ocorrido nos emocionamos e ela me incentivou a fazer o registro alegando o que eu já sabia, a importância de fazermos os registros das experiências em sala de aula, como exercício de refletir sobre a prática docência como estratégia de aprimorar a prática.

O fato aconteceu no final de uma das minhas aulas em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. É uma turma de 37 alunos que compõe um grupo bastante homogêneo no que se refere idade, situação socioeconômica estável, pais presentes, e que de forma geral demonstram um interesse pela aprendizagem dentro do parâmetro de normalidade.

Nesta turma um dos alunos sempre me chamou a atenção pela sua postura de isolamento. Todas as vezes que foram propostas atividades extraclasse, como passeios, ida ao cinema, etc. este aluno que vou identificar como PAULO sempre se recusou a participar. Sua recusa sempre foi discretíssima, como se ele não quisesse ser notado. Algumas vezes, incomodado com tal postura abordei o aluno para ouvir dele alguma justificativa e sempre recebi respostas lacônicas e evasivas. Ficava claro que ele não queria falar do assunto. Às vezes ele me fazia sentir como se eu estivesse invadindo seu espaço. Esta situação foi se cristalizando e em nenhum momento eu percebi que deveria dar mais atenção para tal postura. Simplesmente o dia a dia da sala de aula foi se ajeitando e a postura do aluno PAULO foi se tornando normal tanto para mim quanto para os demais alunos. Desde o início do ano letivo nenhum fato me levou a despertar um maior interesse a respeito do aluno PAULO. De produtividade mediana, assiduidade no

cumprimento de tarefas, desempenho normal na realização de trabalhos em equipe, tudo com Paulo parecia normal. Mesmo estando estampado certo descuido em suas roupas mais humildes, seus cabelos sem corte, sua palidez um tanto exagerada a compor aquele quadro que somado ao seu isolamento, destoava do conjunto, a presença de PAULO já estava assimilada e adquirida o status de normalidade. Claro que as coisas estavam acontecendo a despeito da 'normalidade'. Estavam acontecendo silenciosamente. Paulo sofria no seu silêncio. E claro Paulo interagia.

Na primeira semana de junho, ao final da minha aula, num clima de descontração, após finalizar a votação do local do passeio de final de ano, aonde irão 60% dos alunos, ouvi um estalido de algo se quebrar, ao voltar minha atenção para o local, percebi que PAULO e o aluno VITÓRIO (nome fictício) discutiam. Chamei a atenção dos dois de imediato. Repreendi PAULO no calor da emoção quando descobri que ele havia quebrado a régua na mesa num rompante de raiva e os levei ao Serviço de Orientação Pedagógica. Lá chegando solicitamos que eles se explicassem. O aluno VITÓRIO se dispôs a falar. Narrou que PAULO há muitos dias vinha lhe incomodando. Que o provocava de várias maneiras. Durante a fala de VITÓRIO, eu e a orientadora percebemos que PAULO tentou intervir como para se defender, mas o fez com dificuldade, com a voz embargada e os olhos marejados. Suas tentativas de intervenção não se concluíam. O semblante de PAULO era cada vez mais angustiante e ele visivelmente prendia um choro que parecia explodir a qualquer momento. Perguntamos a ele se ele tinha algo a dizer e ele nos narrou que o RODRIGO (nome fictício) que estudava com ele desde a 3ª série primária, fica colocando o VITÓRIO contra ele. Que RODRIGO nunca gostou dele, que sempre riu de suas roupas, e diz que ele é feio, sujo... Nesta hora as palavras de PAULO quase já não saíam. Entrelhamo-nos, eu e a orientadora, encurtamos a conversa num discurso improvisado, propondo um acordo entre os dois, apelando para a suposta maturidade dos mesmos. Era preciso aliviar a angústia de PAULO. Pedimos ao VITÓRIO que fosse e ficamos com PAULO na sala. Perguntei a ele se ele estava triste com alguma coisa. Bastou uma abordagem mais pessoal e ele desabou em pranto. Dissemos que ele devia chorar mesmo para aliviar, que ele podia contar com a gente, que era muito importante poder ter com quem falar das tristezas que todos nós tínhamos problemas e que era importante compartilhar. Ele só acenava com a cabeça ainda num choro convulsivo. Perguntei se ele queria dizer mais alguma coisa. E ele respondeu que a coisa que mais o incomodava é que ele nunca conseguiu fazer amigos, que ele queria muito conseguir fazer amigos. Ficamos muito comovidos com a fala de PAULO. Sua situação de baixa autoestima era visível e exigia ajuda. Propomos a ele nos encontrar semanalmente por um tempinho que fosse e estamos o encaminhando ao psicólogo além de solicitar um encontro com os responsáveis.

Escrevendo esta experiência, pretendo alertar-me e alertar os colegas para um olhar mais cuidadoso e pessoal para nossos alunos, por mais difícil que seja driblar a rotina, o corre-corre. Acredito que podemos fazer a diferença significativa na vida de muita gente, se tivermos este olhar mais cuidadoso. Afinal nossa profissão é essencialmente relacional. Sem pieguice, não podemos nos esquecer de que o afeto é também um componente fundamental do processo ensino-aprendizagem.” (MÁRCIO Nunes de Souza – Professor de História e Geografia do Ensino Fundamental e Médio – Estado do Rio de Janeiro)

Disciplina

A julgar-se pelos últimos acontecimentos, disciplina é matéria meio sumida nos meios escolares, porém se tem um item primordial, importante e essencial para o funcionamento da instituição escolar é, sem sombra de dúvida, a disciplina. Disciplina é algo simples e por ser simples se torna cada vez mais difícil, pois estamos nos acostumando a não enxergar o simples, o óbvio, o que se apresenta de maneira necessária e natural. O princípio ordeiro da convivência em grupo que se traduz em regras para que o agrupamento social possa permanecer num nível de harmonia, respeito e cidadania é o ponto fundamental para difundir a disciplina na escola.

Partindo do pressuposto que a escola tem por consequência, em sua estrutura primar pela coletividade, na busca incessante de levar o indivíduo ao exercício consciente da cidadania, primando pelos princípios de cooperação, solidariedade e fraternidade, precisamos analisar o cotidiano escolar com um olhar mais denso, mais pesado no sentido de encontrar soluções mais urgentes para os problemas posto no cenário escolar, com relação à disciplina. Precisamos fazer enfrentamentos no cotidiano, e a escola não pode abrir mão de algumas proposições vitais para o seu funcionamento. Do portão para dentro da escola, as regras precisam ser claras e cobradas o tempo todo por todos os atores do cotidiano.

Lembremos algumas destas regras tão especiais e necessárias:

- a) Trato na convivência diária: bom dia, boa tarde, posso entrar, posso sair, me dá licença, etc. Esses tratos precisam ser reforçados por todos dentro da escola e impostos a todos como essência do princípio primeiro da disciplina.
- b) A expressão da coletividade: respeito ao horário, as pessoas, as decisões da escola, o uso do uniforme, o comportamento em sala e outros. Estes itens precisam ser cobrados de maneira que se construa no indivíduo apreço por eles.
- c) Posturas coerentes: todos que trabalham na escola sem exceção precisam se apropriar de posturas que levem a uma demonstração de coerência, harmonia e organização.”

Exigir disciplina em sala de aula é uma questão de prioridade, não existe aprendizagem com a indisciplina. O trato afetivo com o aluno não impede de que seja imposto limites e a organização do grupo. A vida nos impõe regras, a cidadania também, não podemos sair por aí fazendo o que queremos, sem considerar o outro e o seu direito. Por que a escola tem que ser diferente? Quem disse que a escola é espaço de lazer? Escola é lugar de produção de conhecimento, de aprendizagens significativas e não de um espaço descompromissado. A autoridade dos professores e dos demais atores jamais pode ser abalada. O respeito do aluno pelo professor deve permear sempre o espaço de aprendizagem. O líder da sala de aula é o professor e é ele que deverá impor as regras para a sua turma, sempre se baseando na formação cidadã. O conjunto da escola deve primar para que tudo transcorra num propósito disciplinar. Regras, normas, estatutos foram feitos para ordenar e a escola não pode se furtar a este valor, exigir disciplina é o seu papel.

Sabemos que muitas coisas mudaram, mas estamos esquecendo que a autoavaliação e a nossa postura colabora para o sucesso ou o fracasso. Refletir sobre o que estamos fazendo e como estamos aceitando os contra-valores num patamar de normalidade. Deixamos algumas perguntas para se refletir: o estatuto da criança e do adolescente é ruim ou a aplicação dele é falha? Celular é material didático? Atendê-lo em sala de aula é natural? Falar quando o outro estiver falando é normal? Posso fazer o que quero na escola? Na rua? Na igreja?

Não importa a educação que o indivíduo recebeu na escola, ele tem que cumprir regras, ter comportamento, ter disciplina ser responsável entre outras atribuições. O espaço coletivo deve ser respeitado por todos que neles convivam e pronto! Esta é a realidade. Nenhuma postura progressista ou libertadora elimina a disciplina. A autoridade é da escola! Do professor! São eles que conduzem o educando e não ao contrário. Se o mundo extramuro está um caos, a escola não pode ser igual. Ensinar e educar não estão separados, sempre que eu ensino eu educo e vice-versa. Então a escola precisa entender que a grande diferença dela para as outras instituições é que ela tem a capacidade de transformar o homem.

Família

A escola precisa abraçar a ideia da corresponsabilidade da educação do aprendiz escola X família, que são parceiras e não contrapontos. Redefinir o papel função da família e da escola dentro do universo da comunidade escolar é fundamental, pois cada um tem seu papel e isto não mudou, apesar das modificações sociais ocorridas. Levar ao aluno a aprendizagem com sucesso é o papel da escola, conduzir uma educação coletiva, para que o indivíduo se modifique também. Portanto, querer reportar à família toda culpa pelo insucesso do educando seria no mínimo incoerente. A família, por sua vez, precisa centrar-se novamente na tarefa precípua de educar, conduzir, desenvolver para vida. Apesar dos contra valores impostos pela interpretação errônea ou ingênua do Estatuto da Criança e do Adolescente e pelos imperativos dos meios de comunicação em massa. Fato é

que a criança precisa ser educada, e se a família se perdeu em algum momento da história, infelizmente ou felizmente cabe aos atores escolares reconduzir a família ao seu real papel, sob pena de carregarmos tarefas nas “costas” que não nos dizem respeito, se não fizermos este enfrentamento.

Endurecer sem perder a ternura jamais, como dizia ativista político Che Guevara. Devemos começar a fazer reuniões que levem a família a refletir sobre o seu papel diante de si, da escola e da sociedade, levando-a à recondução do seu papel. Este ato exige posturas sérias diante da comunidade escolar: O que cobrar da família? Execução de deveres e trabalhos de casa, os quais não são aptos e nem credenciados a ensinar ou cobrar posturas de responsabilidades e respeito com relação ao que é originário da escola? Como se dirigir à família? Numa postura exigente e inquisidora ou de condução e acolhedora? Com que grupo social estou falando? Qual a capacidade de entendimento deste grupo? Como vou fazer com que me entendam? São perguntas que deverão estar sempre presentes no trato com a família, para que o canal de entendimento se reestabeleça e as funções voltem ao seu curso natural. Chamar a família à retomada de suas responsabilidades é necessário hoje, assim sendo esta relação tão delicada, precisa ser cuidada pela escola, no ato de acolhimento, sabendo que, num dado momento, a família também se põe no lugar de aprendiz. Aprendiz de uma realidade muitas vezes desconhecida, principalmente em escolas que trabalham com classes sociais que estão na linha de pobreza ou abaixo dela, ou em setores de violência e carência social afetiva e cultural definidas pela comunidade escolar, o caminho que levam a redefinição de papéis da família e da escola, cabemos a aguardar o movimento, a mudança que está por vir. Abandonar o paternalismo e/ou o maternalismo e chamar à séria responsabilidade todo aquele que educa a criança. Desvelar a vida que não impede o crescimento, mostrar caminhos concretos e valorosos é um ato libertador. Entender que o outro talvez não nos compreenda, é um ato de amor. Apontar caminhos é construir um mundo melhor. Reunir este contexto dentro da escola é o grande desafio de educar.

Concluindo

É fato, muitas coisas mudaram, não há mais retorno; a cada época uma história. A verdade bate a porta, nos convidando a arcar com as consequências de um mundo globalizado e tecnológico. Porém a capacidade do homem educar-se e ser educado não mudou, ela ainda permanece intacta. O que mudou foi à disposição do “homem” educar o “homem”, esta sim vem sendo cada dia minimizada e protelada como consequência de jovens sem norte, sem futuro e o que é pior sem desejo.

Convido a todos, num ato de solidariedade, a refletir sobre a realidade: Quem se responsabilizará por estes jovens? Nós todos que estivermos com eles. É hora de mudar de postura, colocar a “mão na massa”, encarar o problema de frente e começar a mostrar aos jovens os valores, os conceitos, os sentimentos, os

caminhos que constituirão um futuro digno para todos. Enfrentando os dissabores que surgirão, mas garantindo o mínimo de cidadania que tanto queremos. E quem sabe conseguimos formar pessoas que sejam capazes de construir uma nação verdadeiramente digna, capaz de rejeitar a corrupção, as drogas e os mensalões.

Referências bibliográficas

- CADERNOS, Cederj – Módulo I. *Prática de ensino 2*. 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*, São Paulo: Editora Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Pésio Santos de. *Introdução à sociologia*. 20. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- MALAFAIA, Silas. *Palavras de Vitória 2*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008.
- MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, outubro de 1932.
- NISKIER, Arnaldo. *História da educação brasileira: de José de Anchieta aos dias de hoje, 1500 – 2010*. 3. ed. São Paulo: Editora Europa, 2011.
- PRATA, Aldjane. Educação escolar, o desafio dos novos tempos. *Jornal Diário do Vale*, 26 de abril 2006.